



XII Simpósio Brasileiro de Paleobotânica e Palinologia

***“ Revisitando a Coluna White.
Ampliando fronteiras. ”***

02 a 05 de novembro de 2008 - Florianópolis - SC

BOLETIM DE RESUMOS

NOVAS OCORRÊNCIAS DE ÂMBAR NA BACIA DO RECÔNCAVO¹

Ricardo PEREIRA², Ismar de Souza CARVALHO³, Leonardo BORGHI⁴, Antônio Carlos Sequeira FERNANDES⁵ & Débora de Almeida AZEVEDO⁶

O presente trabalho tem por objetivo relatar novas ocorrências de âmbar na Bacia do Recôncavo, descrevendo também um breve histórico sobre o que se conhece a respeito dos âmbares já encontrados nesta bacia. A primeira ocorrência de âmbar na Bacia do Recôncavo foi reportada em 1937, na Formação Maracangalha, coincidindo também com o primeiro registro de âmbar no país. Tal amostra foi encontrada nas proximidades de São Tomé de Paripe, Bahia, sendo datada do Eocretáceo (Aptiano). A análise orgânica elementar (por meio de combustão) para este âmbar indicou uma fórmula bruta dada por $C_{28}H_{44}O_3S$. Sua origem botânica, no entanto, é incerta, ainda que o autor tenha relatado uma provável associação com *Pinus succinifer*. Posteriormente, dois outros registros de âmbar (um em 1999 e outro em 2006) foram reportados para a Bacia do Recôncavo, provenientes também da Formação Maracangalha (Eocretáceo, Aptiano) na localidade de Ponta da Sapoca, Salvador, Bahia. A partir de estudos paleoquimiotaxonômicos, a família Araucariaceae foi proposta como sua possível fonte botânica. Os novos âmbares aqui relatados também são provenientes de Salvador, tendo sido coletados em arenitos do Membro Caruaçu, da Formação Maracangalha, sendo também de idade aptiana. Os fragmentos de material resinoso possuem aspecto vítreo, coloração amarelada a castanho-escura e diâmetro médio inferior a 1 cm. Das três amostras coletadas, duas encontram-se associadas com material vegetal carbonizado, uma característica que é recorrente para os outros âmbares já identificados na Formação Maracangalha. Dessa forma, a possibilidade de preservação de tecidos vegetais de gimnospermas nos carvões associados aos âmbares abre uma nova possibilidade para a determinação das afinidades paleoflorísticas dessas amostras. No momento, estes âmbares estão sendo analisados por Cromatografia Gasosa acoplada à Espectrometria de Massas para caracterização da composição molecular e conseqüente estabelecimento das prováveis origens botânicas dos mesmos com base em estudos paleoquimiotaxonômicos. Salientamos que o Membro Crato da Formação Santana, na Bacia do Araripe, apresenta a maior frequência de registros de âmbar no país, sendo todas as ocorrências datadas do Aptiano-Albiano. Com as novas ocorrências aqui relatadas, a Bacia do Recôncavo torna-se até o momento a segunda bacia sedimentar brasileira com maior número de registros de âmbar.

¹ Realizado com apoio do CNPq (bolsa de doutorado), CAPES, Fundação Universitária José Bonifácio e FAPERJ.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Pós-Graduação em Paleontologia e Estratigrafia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil (ricardopereira@iq.ufrj.br).

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geologia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil (ismar@geologia.ufrj.br).

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geologia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil (lborghi@geologia.ufrj.br).

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Geologia e Paleontologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil (fernande@acd.ufrj.br).

⁶ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, Departamento de Química Orgânica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil (debora@iq.ufrj.br).